



Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Educação a Distância da UFSM - EAD
Universidade Aberta do Brasil - UAB

Especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação
Aplicadas à Educação

POLO: Agudo

DISCIPLINA: Elaboração de Artigo Científico

PROFESSOR ORIENTADOR: Ana Paula Canal

15/10/2011

**A importância e a necessidade do afeto nas relações tecidas nos
ambientes virtuais: algumas considerações experienciais**

***The importance and need for affection in relationships woven in virtual
environments: some considerations experiential***

NEUENFELDT, Adriano Edo

Mestre em Educação, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Resumo

Este artigo apresenta a partir de uma pesquisa que tem como foco principal a análise de práticas educativas em educação à distância, reflexões acerca das relações existentes entre os seus usuários destacando a importância e a necessidade da afetividade. Metodologicamente foi realizada uma análise do discurso a partir de materiais coletados durante a utilização de algumas ferramentas nos ambientes virtuais de aprendizagem por estudantes, tutores e professores. Estes materiais fazem parte do acervo pessoal de um professor de ensino presencial e a distância, que lhe proporcionou traçar parâmetros entre estas modalidades de ensino. Com base nos dados observados, coletados e analisados, entende-se que a educação à distância deve ser fundamentada em uma prática pedagógica sob as vistas da ação dialógica, para que a partir da dialogicidade melhorem também as relações entre os seus usuários. A análise dos resultados visa auxiliar na compreensão das relações estabelecidas entre os usuários do ensino à distância e a importância da afetividade para os mesmos.

Palavras-chave:

Afetividade, educação à distância, ensino e aprendizagem.

Abstract

This article presents a research from which focuses primarily on the analysis of educational practices in distance education, reflections about the relationship between their users highlights the importance and need for affection. Methodology was an analysis of discourse from material collected during the use of some tools in virtual learning environments for students, tutors and teachers. These materials are part of a personal collection of teacher presence and distance, which gave him trace parameters between these forms of education. Based on the observed data, collected and analyzed, it is understood that distance education must be based on a pedagogical practice in full view of dialogical action, so that from the better dialogue and the relations among its users. Analysis of the results aims to assist in understanding the relationships established between users of distance learning and the importance of affection for them.

Keywords: affection, distance education, teaching and learning

1. INTRODUÇÃO

Apesar do ensino à distância ainda ser visto por muitos educadores e estudantes como uma modalidade de ensino de baixa qualidade, ao que tudo indica, pelo histórico já trilhado e pelos próprios investimentos realizados nesta empreitada, um caminho sem retorno ou pelos menos impossível de ser abandonado. A partir disto resta, à medida que surgem novas (outras) variáveis, incorporá-las e buscar novas (ou diferentes) soluções. Uma destas variáveis que tem chamado atenção, diz respeito às relações afetivas (ou a carência de) estabelecidas entre os usuários do ensino a distância, principalmente entre professores, tutores e alunos.

Tem se falado muito em tecnologia, em *Internet*, em cursos à distância, mas e o “afeto à distância”, como fica? Não bastam mensagens síncronas e assíncronas, nada, em momento algum, substituirá um abraço presencial, mas e se este à distância, não pode ser concretizado, qual a alternativa? Como pode ser aprimorada a relação e o diálogo entre os usuários? Pois, mesmo que estes indivíduos não se vejam, são sabedores de que existe (ou que pelo menos deveria existir) alguém do outro lado da parafernália tecnológica e este alguém não é uma máquina, mas muitas vezes uma pessoa carente de e por

afeto. Assim, estas relações extrapolam as linhas da “simples recepção” de conteúdo. O que leva a questionamentos a respeito das relações: de que forma as relações se organizam, qual a sua intensidade, o que os alunos buscam nos tutores e professores (um professor ou um conselheiro)? Será que no ensino à distância estas relações não ficam a desejar? O que poderia ser feito?

Desta forma, o que será discutido e apresentado neste artigo são reflexões a partir de alguns exemplos que corroboram justamente com a necessidade e importância de aprofundamento deste tema. Para tanto, far-se-á uso de experiências advindas do/com ensino à distância, e observância do uso de algumas ferramentas dos ambientes virtuais de aprendizagem e as relações afetivas estabelecidas entre seus usuários. Destaca-se que tais materiais foram coletados pelo autor que participa deste processo de implantação e renovação no período dos últimos 5 anos.

Estruturalmente este texto está organizado da seguinte forma: inicialmente discorrer-se-á a respeito das fontes dos materiais utilizados e de que forma os mesmos foram coletados, realizando-se, posteriormente, uma análise dos múltiplos discursos. Após, tratar-se-á, ainda que sucintamente, de algumas ferramentas disponíveis e utilizadas nos ambientes virtuais de aprendizagem e de que forma elas podem ou não contribuir para estabelecer ou estreitar as relações entre seus usuários. Por fim, apresenta-se uma discussão a partir de alguns relatos coletados pelo autor que esboçam reflexões quanto à forma e o modo como as ferramentas e o ensino à distância atualmente estão estruturados, apontando para algumas considerações que poderiam colaborar com a exploração do tema.

2. DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento deste trabalho procura situar inicialmente os envolvidos nesta pesquisa e a metodologia utilizada na coleta e análise dos dados. Em seguida, trata-se a respeito de algumas ferramentas utilizadas nos ambientes, suas potencialidades e fragilidades observadas durante atividades desenvolvidas no ensino à distância. Por fim, versa-se sobre as palavras e os seus múltiplos significados, a necessidade de interação, diálogo e afeto.

2.1. Situando os participantes, fontes de pesquisa, coleta e a metodologia utilizada para organização deste trabalho

Embora, já seja possível encontrar alguns materiais a respeito do tema¹, como o referido assunto é relativamente novo se comparado com o ensino presencial, há muito para ser discutido e explorado. Assim, proporcionalmente ao avanço das tecnologias, inovações e descobertas, necessitar-se-á garimpar subsídios experienciais para discorrer sobre o assunto, no caso, o afeto e suas relações com o ensino à distância. A partir disto buscou-se explorar elementos que cercam o autor, que vivencia o ensino à distância, para que os leitores possam entender o contexto do qual o mesmo faz parte e de onde as observações, que serão utilizadas neste texto, foram absorvidas.

Estes elementos são apresentados na forma de relatos de experiência do autor e da análise de discurso dos estudantes.

Quanto aos relatos de experiência, o referido autor foi professor de ensino superior presencial concomitantemente ao período em que participou e desenvolveu atividades no ensino à distância, o que lhe proporcionou esboçar parâmetros entre estas modalidades de ensino. Atuou, inicialmente, como professor responsável pela produção de material, na forma de cadernos didáticos para disciplinas na área de matemática, para o Curso de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria.

Num segundo momento, desenvolveu atividades como professor pesquisador da Universidade Aberta do Brasil (UAB), no Curso de Pedagogia-EAD, pela UFSM, preparando material didático e como professor regente, ministrando a disciplina de Educação Matemática.² Este curso abrange vários

¹ Ver, por exemplo:

SERRA, Daniela Tereza Santos. **Afetividade, Aprendizagem e Educação Online**. Dissertação de Mestrado em Educação. PUC Minas Gerais, 2005. Disponível em http://bib.pucminas.br/teses/Educacao_SerraDT_1.pdf Acessado em: mai 2011

SANTO, Ieda Medeiros Cordeiro Espírito. **Educação a distância: um estudo de caso sobre a afetividade**, 2008.

Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/592008102939AM.pdf> Acessado em: mar 2011

²O Professor-pesquisador é um professor ou pesquisador designado ou indicado pelas IPES vinculadas ao Sistema UAB, que atua nas atividades típicas de ensino, de desenvolvimento de projetos e de pesquisa, relacionadas aos cursos e programas implantados por sua instituição no âmbito do Sistema UAB.

pólos, dentre eles, Tapejara, Santana do Livramento, Restinga Seca, Faxinal do Soturno, Sobradinho, etc.

O elenco de disciplinas, bem como o seu ementário, aproxima-se em muito do ensino presencial do mesmo curso, contudo, há um redirecionamento para o ensino à distância. O fato de ter atuado em disciplinas semelhantes no ensino presencial proporcionou, justamente, o convite para desenvolver algumas disciplinas também no curso à distância.

De acordo com a proposta do curso e seguindo o cronograma estabelecido pelo mesmo, os professores pesquisadores são responsáveis pela elaboração do material de sua disciplina, bem como atendimento aos alunos. Este atendimento é realizado com auxílio de tutores. No total, em dois semestres, foram cerca de 12 tutores presenciais, 9 tutores à distância e mais de 450 alunos.

Além disto, num terceiro momento, o referido autor ingressou num curso de especialização à distância, portanto, assumiu o papel de aluno, o que lhe trouxe observações relevantes sob outro ponto de vista.

Atualmente, desempenha funções como professor de outra instituição, UNIVATES, fazendo uso do ambiente virtual no ensino presencial, no qual a plataforma utilizada, *Moodle*, serve como suporte para as aulas presenciais. Destaca-se que se trata da mesma plataforma utilizada nos cursos de Pedagogia e Especialização, citados anteriormente.

Para compreender a necessidade e a importância do afeto contextualizadas nas mensagens postadas ou articuladas a partir das ferramentas dos ambientes virtuais, opta-se pela análise do discurso. De acordo com Orlandi (2005):

A Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas estas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra do discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso o homem falando. (ORLANDI, 2005, p. 15)

Deste modo esta análise, do que está sendo dito e expressado na forma de mensagens, é adequada ao que se pretende, uma vez que colabora na reflexão do atual quadro do ensino à distância.

Assim, o material analisado sob essa perspectiva é fruto da coleta e análise de diálogos, *e-mails*, históricos de MSN, participações em *blogs*, dentre outros, mas principalmente pela observação do uso de algumas ferramentas do ambiente virtual. Estes dados fazem parte de arquivos pessoais do professor e desta forma procurou-se preservar a identidade dos envolvidos deixando-se anônimas: datas, nomes e possíveis identificações.

2.2. A respeito das ferramentas utilizadas nos ambientes: potencialidades e fragilidades

A partir do momento que se estabelece como meta, a interação, supõe-se que se necessita de indivíduos e de ferramentas para desenvolvê-la. Ainda mais quando se defende que ensino e aprendizagem ocorrem de forma contínua e interdependentes, ou seja, ao ensinar, pressupõe-se que se esteja preocupado com o que e quem vai aprender e o modo como se vai ensinar. Freire (2006, p. 47) resume bem esta intenção ressaltando que é primordial: "Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção." Esta criação de possibilidades poderá influenciar diretamente na maneira e no interesse que o aprendiz terá no aprender. É oportuno que se esclareça que, ao se referir ao aprendiz, está-se ciente que este poderá ser tanto o aluno, quanto o tutor ou professor. A aprendizagem dependerá diretamente dos interesses dos usuários, pois estando interessados, supõe-se que estarão mais propensos a buscar possibilidades de aprender e ensinar; a observar e compreender as relações que se processam em seu entorno, pois o aprender se dá em nível individual e também com o outro, coletivamente, inseridos num espaço histórico e cultural; e a buscar a otimização de ferramentas que colaborarão para a aprendizagem.

Assim, num processo de ensino e aprendizagem mediado pelo computador, há a necessidade de ferramentas que possam transitar e comutar não somente informações, mas diálogos. Deste modo a dialogicidade se

apresenta como um dos elementos fundamentais deste processo. Conseqüentemente a partir do diálogo pretende-se estreitar os laços, inclusive afetivos, entre os envolvidos neste processo.

Ao se reportar a dialogicidade, é preciso destacar Freire (2006, p. 86) que escreve: "A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto." Porém, os envolvidos, no caso, professores, tutores e alunos, têm consciência e assumem posturas não passivas no processo, "epistemologicamente curiosos", como diria o mesmo autor.

Dentre as ferramentas que foram utilizadas no ambiente virtual de aprendizagem, fazendo uso da plataforma *Moodle*, tem-se: o fórum, *chat*, *blog* e *wiki*. Além disso, como alguns alunos conseguiram o endereço do MSN e *e-mail*, uma vez que outra, conversavam (e ainda o fazem) também por estas ferramentas.

Ao observar as ferramentas e as tentativas de seu entrelaçamento com esta dialogicidade é pertinente realizar algumas considerações. O fórum surge como um espaço de postagens *offline*³ (assíncrona) em que se tenta responder a questionamentos. Contudo, muitas vezes, torna-se apenas um espaço de obrigatoriedade ao cumprimento de uma tarefa, pois cada aluno acrescenta um novo tópico e não há discussão, não há *feedback*⁴.

No uso desta ferramenta é necessário que alguém responda às postagens dos alunos, preferencialmente que sejam os professores ou tutores. O que nem sempre é possível devido ao tempo, carga de trabalho, número excessivo de alunos ou mesmo falta de interesse. A maioria dos professores e tutores dividem suas funções na EAD com outras obrigações de labuta, extrapolando a disponibilidade que tal modalidade de ensino minimamente

³ **Offline:** (ou *off-line*) pode representar a indisponibilidade de acesso do usuário à rede ou ao sistema de comunicações. No contexto explorado refere-se às atividades realizadas de forma assíncrona. Ou seja, é possível pesquisar, refletir, redigir a respeito e depois enviar. (Nota: Adaptado pelo autor a partir de discussões desenvolvidas no período de curso e observando as seguintes referências: <http://www.suapesquisa.com/dicionario/>. Acessado em abr 2011 e MERCADO, L. P. L. **Experiências com tecnologias de informação e comunicação na educação**. Maceió:EDUFAL, 2006.)

⁴ **Feedback:** compreendida neste contexto como o retorno de uma informação ou atividade solicitada, contudo, além disto, como o procedimento que auxiliará na orientação ou reorientação proporcionando estímulos ao solicitante. (Idem notas de referência do rodapé anterior.)

necessita. Engana-se quem pensa que por ser à distância esta modalidade de ensino não exija tanta atenção quanto o presencial. Diante disto, percebe-se a ausência ou carência de diálogo ou mesmo de simples retorno.

Tal ausência aponta para a necessidade de uma presença maior por parte dos professores, que pode ser comprovada num comentário realizado durante uma discussão estabelecida com os alunos em que o professor respondia a postagem de alguns, estes perguntaram de forma sincera: “é realmente o professor quem está nos respondendo?”. O que demonstra que nem sempre os questionamentos são respondidos. Conseqüentemente também os alunos não estabelecem o hábito de participar regularmente dos fóruns, restringindo-se a uma única participação, visto que muitas vezes não acreditam nem mesmo que o professor vá observar as suas postagens. Nem os alunos retornam, nem os professores ou tutores estabelecem um diálogo, tornando-se no máximo uma ferramenta de via única, unidirecional. Além disso, quando postadas, as mensagens nem sempre são compreensíveis, podendo dar margens a interpretações dúbias. Os usuários incorporam a elas fatos provenientes de suas próprias experiências, muitas vezes dando vazão à necessidade de falar, haja visto que são inexistentes, ou raros, os espaços destinados para tal. Lévy (2007, p. 15) escreve algo interessante, a respeito das múltiplas interpretações que se pode ter a partir de um texto:

Nas sociedades orais, as mensagens discursivas são sempre recebidas no mesmo contexto em que são produzidas. Mas, após o surgimento da escrita, os textos se separam do contexto vivo em que foram produzidos. É possível ler uma mensagem escrita cinco séculos antes ou redigida a cinco mil quilômetros de distância - o que muitas vezes gera problemas de recepção e de interpretação.

Em seu favor, sob a ótica pedagógica e conteudista, uma vez encarado de forma séria, como se trata de questionamentos *offline* a respeito de um tema e lançados durante um certo período de tempo, geralmente uma semana, oportuniza a pesquisa e o embasamento de cada uma das hipóteses postadas. Contudo, como já foi referendado anteriormente, seus usuários veem ali o ensejo para postagens de comentários pessoais sem a devida fundamentação teórica, mesmo quando solicitada tal referência. Pelo viés afetivo, o fórum, nos moldes que foi utilizado ou configurado não se mostrou

uma ferramenta para estreitamento de laços ou interatividade, pois não houve diálogo entre os envolvidos.

Quanto ao *chat*⁵, apesar de ser um espaço *online*⁶ (ferramenta síncrona), percebe-se ainda, a dificuldade de estabelecer um sistema de assessoramento e suporte coeso. Não há como estabelecer diálogos contínuos se o sistema literalmente "cai". Além disso, grupos muito grandes não conseguem dialogar, pois vários questionamentos e respostas, muitas das quais semelhantes, surgem ao mesmo tempo. Simplesmente "pipocam" na tela.

Ainda é válido destacar que esta ferramenta apesar de possibilitar a comunicação em grupo, muitas vezes não consegue manter o foco de discussões, acarretando um desvirtuamento das mesmas. Mercado (2005) expõe isto de forma primorosa:

A principal característica do chat vem da sua utilização para comunicação em grupo. O chat funciona em um tipo de central (servidor) onde várias pessoas se encontram virtualmente para conversar. O diálogo pode tomar qualquer direção, dependendo do grupo, mas, na maior parte das vezes, as pessoas conversam amenidades. Por isso, o chat fica muito mais próximo da esfera do lúdico e do lazer. (MERCADO, 2005, p. 48)

Para que o *chat* tenha êxito maior, necessita-se de grupos pequenos e que se domine previamente a literatura a respeito do tema que será abordado, não esquecendo que o professor/tutor deverá ser um excelente mediador da proposta. Contudo, novamente, esta ferramenta encaminha-se para um MSN⁷, desvirtuando seus propósitos em vista da simples necessidade de falar de seus usuários. E não se pode esquecer de algo simples mas importante, muitos usuários têm dificuldades na digitação, tanto no que diz respeito a velocidade quanto à ortografia, assim ficam inibidos, já que a atividade se desenvolve em tempo real.

⁵ **Chat:** pode significar conversação, no contexto deste artigo: conversação a partir de um tema designado pelo professor de uma disciplina. (Idem notas de referência do rodapé anterior.)

⁶ **Online:** significa estar disponível para acesso imediato à Internet. (Idem nota de citação de rodapé anterior.)

⁷ **MSN:** Microsoft Service Network ou neste contexto, como Messenger, o programa de conversação instantânea. (Idem nota de citação de rodapé anterior.)

Contudo, é possível perceber, principalmente durante os momentos de não funcionamento do *chat*, geralmente por problemas técnicos, que os alunos desejam desabafar, seja reclamando da ferramenta, seja pela necessidade de atenção, novamente aqui se percebe a necessidade de atenção e diálogo para além dos conteúdos, desejada pelos envolvidos.

Na tentativa de oferecer alternativas pedagógicas, inclusive com a disponibilização de vídeos, foi criado pelo professor um *blog*⁸. No que diz respeito a esta ferramenta, foi possível percebê-lo como um espaço que possibilita a complementação às aulas, no qual, os alunos podem completar os seus estudos. Por exemplo, foram colocadas as principais articulações na página de uma disciplina e referendado a completude no *blog*. Isto facilita quanto a organização e mesmo para que, alunos possam acessar tópicos da disciplina, por intermédio do *blog*, quando já forem egressos. Percebe-se que a criação de *blogs* é uma prática que já faz parte do cotidiano de muitos professores e também de turmas de alunos. Para isto basta acessar a Internet e solicitar a busca por exemplos. Encontrar-se-á inclusive dicas para a realização de blogs. (Por exemplo, <http://criar1blog.blogspot.com/>). O blog, em questão foi posto em funcionamento pelo professor em 2009 (<http://semreceitas.blogspot.com>⁹) e a partir de sua instalação percebeu-se que em 3 semanas foi acessado mais de 1300 vezes. Atitude que demonstrou o interesse e o benefício da ferramenta e também da necessidade de mais tempo para o desenvolvimento das aulas, que por sua vez leva a necessidade de um maior diálogo com os alunos, pois estes buscam muito mais do que está postado, para isto bastou observar quais os materiais mais acessados e os comentários realizados pelos usuários. A elaboração, funcionamento e o uso desta ferramenta, para este professor, hipoteticamente falando, proporcionou uma abertura, como se o professor abrisse aos seus alunos a porta de um dos quartos de sua casa e os convidasse para entrar. Uma tentativa de diminuir a distância entre o professor e aluno, dizendo que há muito mais do que aquilo

⁸ **Blog:** é a forma reduzida de **weblog** que pode conter com reflexões, pensamentos, comentários, materiais, hyperlinks, etc, oferecidos pelo autor.

(Idem nota de referência do rodapé anterior.)

⁹ Este blog se encontra atualmente com mais de 20 mil acessos. Em média recebe 2000 visitas mensais. Muitas das quais dos alunos que frequentaram as aulas do professor.

visto nas disciplinas. Surgem depoimentos por parte dos alunos do tipo: “Adorei o *blog*, vou utilizá-lo. O professor se importa conosco. Obrigada.”

Quanto a *wiki*¹⁰, as observações realizadas durante a sua utilização levaram a seguinte conclusão: agregar informações, não significa compartilhar ideias. E, por mais que se escreva a várias mãos, um dos objetivos da *wiki*, não significa que se está concordando integralmente com o que está posto, logo, há uma distorção de crenças. Isto significa que, ao escrever em conjunto, cada autor se identifica mais com este ou aquele parágrafo ou palavra, mas nem sempre com o todo. Entretanto não há como negar que o compartilhamento de informações torna a ferramenta algo bem atrativo. Segundo Abegg (et all, 2009, p. 1647):

A "aceitação" de uma atividade educacional *wiki* no Moodle depende fortemente do planejamento elaborado previamente e do compartilhamento com os envolvidos (como estratégia dialógico - problematizadora de validação), assim como, da explicitação do grau em que uma pessoa pode realmente beneficiar-se dessa mediação para o trabalho.

No caso da *wiki* percebeu-se uma dificuldade imensa para articular informações, pois nem sempre os agentes desejavam ou aceitavam compartilhar. Assim, uma das prerrogativas para que a *wiki* funcione seria a formação de grupos com menos componentes e reunidos por afinidades comuns. Têm-se exemplos clássicos nas próprias disciplinas de intermediação pelo computador, nas quais os envolvidos raramente entram e postam. Assim, apenas alguns acabam realizando a tarefa. Contudo, com isso não se está repreendendo ou censurando os não participantes, pois estes podem não participar por vários motivos, pouco interesse, falta de afinidade com o grupo, inibição, enfim, múltiplos motivos, mas convém ressaltar que a *wiki* pode se desenvolver de forma mais proveitosa quando os participantes possuem a mesma base epistemológica e afinidade. Desta forma, também os discursos serão canalizados.

Embora, tutores e professores, realizem convites, nem sempre os alunos participam. O que pode fazer um professor, se os alunos não se interessam,

¹⁰ **Wiki:** no contexto utilizado se refere a uma página que pode ser alterada, no caso um texto, que pode ser alterado por cada pessoa que o visita. (Idem notas de referência do rodapé anterior.)

mesmo quando se trata de um curso de especialização? Percebe-se aqui novamente a questão do diálogo e do afeto. Se o usuário não está disposto a dialogar, se não possui afinidade com os demais, também as atividades conteudistas não serão aceitas da mesma forma.

Algumas destas ferramentas acabaram envolvendo a escola. Basta observar o caso da *wikipedia*, fonte inegável de consulta e pesquisa para estudantes. Contudo, muito se tem discutido quanto à fidedignidade de tais informações. Lima (2008, p. 193) traz que:

Quando surgiu a Wikipedia, um novo formato coletivo de agregar e oferecer conhecimentos potencialmente sujeitos à intervenção de qualquer cidadão, foi um "Deus nos acuda", um escândalo. Estamos então nos referindo ao desenvolvimento de uma inteligência coletiva?

Embora, como diz Lévy (2007, p.131) a inteligência coletiva constitui mais um campo de problemas do que uma solução, pode-se vislumbrar que:

A extensão do ciberespaço transforma as restrições que haviam ditado à filosofia política, às ciências da administração, às tradições de organização em geral o leque habitual de suas soluções. Hoje, um bom número de restrições desapareceu devido à disponibilidade de novas ferramentas de comunicação e de coordenação, e podemos pensar modos de organização dos grupos humanos, estilos de relações entre os indivíduos e os coletivos radicalmente novos, sem modelos na história e nas sociedades animais. (LÉVY, 1999, p. 132)

Quanto ao MSN e o *e-mail*, percebe-se que são ferramentas interessantes, pois proporcionam uma sensação de liberdade, (diz-se “sensação” porque, mesmo que não apareça, todas as mensagens ficam gravadas num histórico), na qual os seus usuários conseguem se desprender de formalismos gramaticais e dialogar amenidades. Os alunos que conseguiram o endereço do *Messenger* do professor, muitas vezes questionavam a respeito das tarefas propostas, de maneira formal, mas acabavam se dirigindo ao MSN e perguntando de forma informal se haviam atingido os objetivos. Os alunos que manuseiam esta ferramenta se sentiram mais a vontade para perguntarem questões ao professor. Sentem-se “mais próximos” como relataram muitos. Um dos possíveis fatores é a informalidade que esta ferramenta proporciona, o simples uso de “hehe”, ou *emoticons* e a

familiaridade com a ferramenta. Quanto ao e-mail, ele oferece a possibilidade de envio mais individualizado, como se fosse uma carta e nele encontram-se muitos desabafos. Observou-se que, durante o período que trata a pesquisa, uma vez comparado com as diferentes formas de se corresponder com o professor, o e-mail é preferido pelos alunos mais idosos, pois estes ainda tem certa dificuldade em entender as múltiplas linguagens de um *Messenger*, por exemplo. De forma geral, ao observar o uso das ferramentas envolvendo professores e aprendizes, percebeu-se que aqueles que nasceram na turbulência das criações tecnológicas possuem uma curiosidade natural e tais mudanças e adaptações não provocam tanta estranheza. Positivamente, os professores que atualmente estão em formação e que atuarão nos próximos anos já não sofrerão da "fobia" ao computador, pois este já faz parte de seu dia a dia. O que já não ocorre com boa parte dos aprendizes mais idosos que nasceram antes das mudanças explosivas geradas pela informática, muitos dos quais professores que buscam a complementação de suas formações ou mesmo o retorno aos estudos, que necessitaram (e necessitam) se adaptar a ele.

Sabe-se da necessidade de cursos de formação. Esta intenção não é algo novo. Entretanto, não é um hábito fácil de ser instaurado na vida daqueles que se mantêm tão atrelados e comprometidos com os afazeres escolares e familiares que dificilmente conseguem dispor de "tempo e verbas" para realizarem cursos. Percebe-se tais observações ao se dialogar com os usuários, alunos e tutores, muitas das quais realizadas na forma de desabafos pessoais ao professor. Contudo, é necessário levar-se em conta que crianças, jovens, professores, enfim, os usuários dessas ferramentas na maioria aprendem com o seu uso, numa prática investigativa e que deve se proceder de forma constante para aprimorar e acompanhar as inúmeras inovações que surgem.

2.3. As palavras e os seus múltiplos significados: necessidade de interação, diálogo e afeto

A partir do observado, observando-se os discursos, mesmo que de forma restrita, pois se trata de contexto específico, porém, sem ignorar a

reflexiva experiência em EAD (Ensino à Distância), aponta-se à necessidade de aprofundar os estudos quanto à forma como os alunos percebem o ambiente virtual. Esta percepção está diretamente ligada ao modo de relacionamento estabelecido entre professor e aluno, aluno e aluno, aluno e tutor, professor e tutor, e outras relações possíveis.

Uma das passagens coletadas resume muito bem os encaminhamentos desta discussão, proferida por um aluno durante uma visita a um dos pólos: “Quero atenção! Apesar de não me verem existe uma pessoa do outro lado desta linha de *Internet!*” Percebe-se aqui, por mais óbvio que pareça, dentre outros, os sentimentos inerentes ao ser humano, ou seja, a necessidade de atenção e da própria confirmação de sua existência, “existe uma pessoa” e como pessoa ela deseja interagir e ser percebida.

O computador e suas ferramentas, *hardwares e softwares*, possuem a sua importância, mas é necessário que não se esqueça que existem em função de pessoas, dotadas de sentimento e sedentas de diálogo, que por sua vez oportunizam esboçar e estabelecer relações afetivas.

A afetividade, segundo Taille, et all (1992, p. 90), referindo-se a Wallon:

(...) não é apenas uma das dimensões da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento, a mais arcaica. O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira. (TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS, 1992, p. 90)

Os alunos têm necessidade de conversar, como já foi mencionado no decorrer deste texto, de contar as suas experiências de vida para além dos conteúdos disciplinares, desde coisas simples como o sol que está fazendo na sua cidade, até a internação hospitalar de alguém estimado pela família. Não é possível ignorar os apelos à necessidade de demonstração de afeto. É indispensável que isto seja levado em conta, pois este elemento faz parte da formação destas pessoas. Ignorar a necessidade de dialogar, seria como separar a pessoa do aluno, o que é impossível. Isto não quer dizer que se deva passar (transformar) os espaços dedicados a ensinar e aprender em confessionários ou divãs, mas diante dos relatos está-se a dizer que há a necessidade de espaços para estes diálogos e que também se ensina e

aprende a partir do afeto. Percebe-se que propositalmente a palavra *necessidade* impera, ao se referir à formação, constituída de ensino e aprendizagem.

É interessante notar que, inicialmente, os alunos conversam a respeito de questões relacionadas às atividades solicitadas, contudo, logo iniciam diálogos a respeito de suas famílias, seus desejos, enfim. Para ilustrar tais anseios compartilhar-se-á a seguir, de forma ilustrativa, alguns exemplos.

A primeira mensagem trata-se de uma situação de envio de atividades. Na ocasião, o ambiente Moodle se encontrava fechado por razões técnicas, e alguns alunos entraram em pânico, pois não encontravam o professor para conversar. Assim procuraram o *e-mail* e enviaram mensagens anexando inclusive o trabalho:

“Olá professor!!

Este é um ato de desespero, pois como eu já havia lhe dito minha atividade não estava indo. Ela tem 14.1 MB sendo que o ambiente comporta 39MB, então eu não me conformo que este ocorrido, por favor me entenda e me ajude e me dê uma chance. Procurei ajuda, mas em vão ninguém sabia nada.

Nem por e-mail eu não consegui te enviar, agora dividi em duas partes na tentativa que dê certo, pois para mim é uma questão de honra que a veja mesmo se você não a considere. Agradeço antecipadamente.”

Após o retorno do professor:

...

“Olá professor!!

Nossa!! Antes chorei muito por desespero e agora estou chorando de emoção, felicidade pela sua atitude de generosidade e compreensão. Não sei como te agradecer, mas sei que Deus te recompensará maravilhosamente bem.

Sim, fui eu quem te falou da minha filha que faz Engenharia em Pelotas e inclusive a foto que tem dela com o meu filho é do dia da formatura dela do CEFET/IFSUL que ela terminou em janeiro deste ano. Ok, vou enviar novamente a 1ª parte com todo apreço. Ah!! O que eu digo para as pessoas que sabem deste meu problema? Algo em especial para dizer? Ou posso falar que te enviei por e-mail? Tenho medo que lhe façam cobranças incabíveis. Grande abraço e fica com Deus.

Ah!! A sua esposa também é maravilhosa, pois se sensibilizou com a minha situação e te avisou, o meu muito obrigada também para ela, assim como o meu abraço.”

Há muito mais nestas mensagens do que simplesmente uma justificativa para o envio de trabalhos, a partir de problemas ocasionais no sistema, há uma clara necessidade de justificar ao professor, de conversar e explicar a situação

a ele. Uma prática comum quando no ensino presencial, contudo, difícil de ser realizada quando não se sabe onde o professor se encontra.

O segundo exemplo diz respeito a vontade que muitos alunos têm, diante das dificuldades, de desistir do curso. Não há como simplesmente repassar ou solicitar que postem as atividades, é preciso dedicar atenção. Outro cuidado necessário diz respeito à abordagem, a maneira como as palavras que se agrupam na forma de mensagens são postadas no ambiente, estas mensagens precisam ser muito bem estruturadas. Nem sempre elas conseguem atingir os seus objetivos ou são bem compreendidas. Contudo elas devem não somente conter palavras, mas intenções, sentimentos, pois diante de mensagens como as que seguem abaixo, não bastam respostas mecânicas.

“Olá Professor! Para mim também foi muito bom trabalhar com o senhor, pois aprendi muita coisa, apesar de ser professora há mais de 30 anos, pois sempre estaremos aprendendo e buscando coisas novas para enriquecer nosso trabalho junto aos nossos alunos. Sabe professor, no início do 1º semestre deste ano, quase desisti, estive com depressão e não conseguia fazer nada, mas consegui superar, graças de Deus. E aqui estou enfrentando mais um semestre. Este é um sonho que sempre tive e pretendo concretizá-lo, mesmo com dificuldades. Há 11 anos tive uma isquemia e fiquei com algumas sequelas, por isso tenho alguma dificuldade para interpretar, mas estou superando tudo isso com muito esforço. Um grande abraço e muita paz para o senhor e sua família. B.”

“Profe, estou com uma irmã hospitalizada em Smaria e fiquei final de semana aí, levei o material, mas não fiz nada. Estou enviando parte do material da caixa pois não consegui fazer todo. É um material muito importante e quero posteriormente realizar todos pois com certeza me ajudará em sala de aula.
Possivelmente não vá fazer as provas sábado pois vou para Santa Maria amanhã.
Vou tentar enviar o plano. Abraço. E”

As mensagens estão repletas de anseios, sentimentos, vida... e, como tais, exigem que sejam respondidas da mesma forma, ou seja, com a mesma dedicação, humanidade e afeto.

Outro momento que foi comprovado que a presença do professor com os alunos produz sensações diferentes das produzidas à distância, ocorreu numa visita realizada a um dos pólos. Inicialmente percebeu-se que os alunos haviam criado um estereótipo de professor, por estar à distância, tanto que o confundiram com o motorista, pois jamais o haviam visto. Entretanto, à medida que o dia transcorreu, de alguém intocável, por ser professor à distância e

também de universidade, realizando atividades lúdicas e pedagógicas, os alunos confidenciaram a necessidade de ver, de dialogar, contar as suas histórias e estabelecer laços com o professor.

Pressupondo que a afetividade é um composto pessoal e interpessoal, nas relações estabelecidas no ensino à distância, entre professor, tutores e alunos, torna-se interessante investigar os laços estabelecidos entre afetividade, ensino e aprendizagem.

De acordo com a perspectiva histórico-cultural, Vygotsky (1993) busca reparar o equívoco cometido pelos separaram os aspectos cognitivos e afetivos:

Quem separa desde o começo o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento porque uma análise determinista pressupõe descobrir os motivos, as necessidades e interesses, os impulsos e tendências que regem o movimento do pensamento em um outro sentido. De igual modo, quem separa o pensamento do afeto nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo (VYGOTSKY, 1993, p. 25).

As diversas Tecnologias da Informação e da Comunicação, segundo Valente (1999), vieram implantar sensíveis mudanças no processo de ensino e aprendizagem. A partir disto, resta indagar, de que forma elas se articulam e podem propiciar tais mudanças.

Para Moran (1995), as tecnologias permitem um novo encantamento na escola e o processo de ensino-aprendizagem ganha dinamismo, inovação e poder de comunicação inusitados. No entanto, como tudo que é novo gera certa insegurança, incerteza, também a adoção de novas tecnologias de informação e comunicação está sendo constantemente avaliada, pois apresentam tanto potencialidades quanto fragilidades.

3. À GUIA DE UMA CONCLUSÃO

A partir do que está posto é possível apontar algumas situações, uma delas diz respeito à delegação da afetividade para um segundo plano. Na forma estrutural atual do ensino a distância, da qual o professor participou e participa, estabelecer diálogos nunca foi uma exigência, conseqüentemente também o estabelecimento de afetividade entre os seus participantes. O espaço limita-se ao desenvolvimento do conteúdo e de tarefas avaliativas. Se

houve um estreitamento de relações, estas aconteceram por interesse e respeito para com os alunos, pelo professor. A quantidade de alunos torna isto quase que inviável e demanda dedicação exclusiva. Contudo, embora o período das disciplinas ministrado pelo professor tenha terminado, muitos alunos ainda estabelecem contato com o professor para conversar, e não somente sobre assuntos de aula.

Poder-se-ia citar outras dezenas de mensagens, e em cada uma delas, particularidades e um pouco da essência que compõe cada um dos alunos. Em comum, a busca e o reconhecimento dos seus espaços, que também se dão pelas relações de afeto que são constituídas. Está-se falando de futuros educadores, não há como deixar está premissa de fora, ainda mais quando se está referindo a pedagogos que desenvolverão suas atividades com crianças. Como falar ou exigir afeto no desenvolvimento de atividades com as crianças, quando não se consegue estabelecê-lo na formação?

Algo que o professor sempre confienciava a seus alunos: “O curso é à distância, os professores, tutores, alunos, tudo a distância, contudo, as suas turmas, as crianças, os alunos são e serão presenciais, que solicitarão, abraços, carinho, afeto, atenção...”

De acordo com o exposto e vivenciado pelo professor aponta-se para a necessidade e melhoria das relações entre professor e aluno, aluno e aluno, e demais relações, a necessidade de cursos semi presenciais, antes da instauração de cursos não presenciais. Os alunos sentem-se isolados e à margem da instituição, carentes de uma formação mais completa, tanto no que diz respeito à parte material, biblioteca, cursos, etc. quanto às relações afetivas que poderiam ser estabelecidas se convivessem presencialmente com os professores e seus pares. Um curso não se faz pela simples colocação de máquinas num prédio, mas também pelas múltiplas relações de convivência, que não ocorrem em plenitude no ensino à distância. As ferramentas para o desenvolvimento de atividades são utilizadas de forma mecânica e do modo como estão organizadas, são ferramentas para cumprimento de tarefas, deste modo, não colaboram para estabelecer as relações de afeto. Em suma, há poucos espaços para diálogos informais e de convivência e, mesmo quando são criados pelo professor, como foi o caso de um fórum denominado de

Fórum dos Estudantes, estes não são usados com receio de que estejam sendo vigiados e diante do postado possam receber sanções punitivas. Precisa-se, portanto, criar tais espaços.

Outra questão, a partir do experienciado pelo professor, diz respeito aos papéis dos envolvidos, que parecem que ainda não estão suficientemente claros, pois o ensino à distância ainda é visto por alguns membros da equipe docente, e também tutores, como algo paralelo ao ensino presencial, um complemento de salário, haja visto que os serviços prestados nesta modalidade são apresentados na forma de bolsas, sem a dedução de impostos. Isto nos leva a seguinte necessidade, a equipe que desenvolve atividades à distância deve ter horas exclusivas e dedicação para o ensino à distância. Ensino à distância demanda atenção e dedicação, tanto quanto o presencial, e se não houver dedicação, também não são estabelecidas relações afetivas entre seus usuários pois o tempo disponível será utilizado na completude para o cumprimento de tarefas, como trabalhos, correções de provas, etc.

Assim, mesmo que pareça um trabalho imensurável, a singela experiência deste professor, que forneceu material para estes escritos, leva, minimamente, a destacar a relevância do afeto na formação dos alunos de ensino à distância. Primordialmente, sem se referir aqui a questões técnicas para dinamizar e organizar para que isto ocorra, destacar-se-ia como sugestões: a necessidade de espaços dedicados ao diálogo para além dos espaços de aulas; preparação e reconhecimento dos formadores que trabalham com EAD e aproximação entre os alunos e seus formadores, principalmente presenciais. De forma sucinta, opcionalmente preferir o desenvolvimento de cursos semi presenciais.

Finalizam-se estas reflexões apontando que os alunos ainda procuram o professor, para homenageá-lo como paraninfo de turmas, para solicitar explicações, convidá-lo para participar de redes sociais na Internet, o que também comprova que o processo de ensino e aprendizagem não se encerra com a “transmissão” de conteúdos, mas continua numa dedicação respeitosa entre seus usuários que estabelece e necessita de vínculos afetivos.

4. REFERÊNCIAS

ABEGG, Ilse; MÜLLER, Felipe Martins; BASTOS, Fábio da Purificação de; FRANCO, Sérgio R.K. **Aprendizagem Colaborativa em rede mediada pelo wiki do Moodle.** In: Anais XXIX Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Computação. Porto Alegre : SBC, 2009. v. 1. p. 1643-1652. Disponível em: bibliotecadigital.sbc.org.br/download.php?paper=1265. Acessado em mar de 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

http://www.uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=49%3Aprofessor-pesquisador&catid=11%3Aconteudo&Itemid=29 Acessado em: maio de 2011.

<http://www.suapesquisa.com/dicionario/>. Acessado em abr 2011

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 2007.

LIMA, Maria Conceição de Alves. **Produzindo coletivamente na web:** Tecnologia WIKI. São Paulo: Biblioteca 24x7, 2009.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Vivências com aprendizagem na internet.** Maceió: EDUFAL, 2005.

_____. **Experiências com tecnologias de informação e comunicação na educação.** Maceió:EDUFAL, 2006.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e o re-encantamento do mundo.** Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, vol. 23, n.126, setembro-outubro 1995, p. 24-26.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso:** princípios e procedimentos. 6ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

TAILLE, Yves De La; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.

VALENTE, José Armando. **O Computador na Sociedade do Conhecimento.** Campinas: UNICAMP/NIED, 1999.

VYGOTSKY, S. L. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.